

**O SUPER MODERNO E A TRADIÇÃO LATINA**

Lara Prazeres (UFJF)

[laraprazeres.pro@gmail.com](mailto:laraprazeres.pro@gmail.com)

Thiago Soares de Oliveira (IFFluminense)

[so\\_thiago@yahoo.com.br](mailto:so_thiago@yahoo.com.br)

**RESUMO**

Este trabalho tem o objetivo de analisar qualitativamente o comportamento do item lexical *super*, buscando contribuir para o estudo das últimas tendências evolutivas do vocábulo dentro do léxico de língua portuguesa. Dessa forma, são consultados dicionários e gramáticas latinos e de língua portuguesa, partindo de uma pesquisa bibliográfica, para dar conta das classificações próprias do termo com base no que é registrado pela norma-padrão. Além disso, procede-se a uma pesquisa documental quando se analisam ocorrências de *super* em manchetes. A partir disso, pode-se perceber como tal elemento é empregado e entender suas classificações possíveis. Ao fim, conclui-se que o item lexical *super* recupera funções conforme a necessidade do vocábulo ao qual se relaciona.

**Palavras-chave:**

Lexicologia. Super. Morfologia Histórica.

**ABSTRACT**

This work intends to qualitatively analyze the behavior of the lexical item *super*, seeking to contribute to the study of the latest evolutionary trends of the word within the Portuguese lexicon. To this end, and starting from a bibliographical research, it is aimed to perform an investigation that succinctly covers the particular classifications of the term based on what is registered by the standard norm. In addition, there is documentary research that analyzes these occurrences in headlines. From this point, one can notice how the word *super* is currently employed and understand the possible classifications for this term. In the end, it is concluded that the lexical item recovers functions due to the need of the word to which it relates.

**Keywords:**

Lexicology. Super. Historical Morphology.

**1. Considerações iniciais**

Nos estudos linguísticos formais, não raro há divergência na categorização de determinados itens lexicais, como é o caso do vocábulo *super*, sobre o qual paira certa indefinição, especialmente diante de seu emprego no século XXI. Não há unanimidade em relação à classe em que ele se encaixa, de modo que frequentemente são rejeitadas as aplicações do termo como advérbio, principalmente, mesmo que os falantes invis-

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

tam em construções com esse emprego. Partindo do desencontro entre norma e prática linguística, objetiva-se investigar o uso do item lexical *super*, a fim de entender e de reconhecer suas classificações próprias<sup>43</sup>.

Supondo que é comum encontrar ocorrências do *super* como advérbio e sabendo que o termo não é exclusivamente classificado dessa forma, registra-se aqui a relevância de apurar as utilizações da palavra e examinar se o emprego do *super* como advérbio é inovador no século XXI ou se é uma herança de comportamento, ou seja, uma característica proveniente de alguma fase de sua utilização, que perdurou apesar das variações na língua. Afinal, na história, pode haver indícios de que determinada forma de emprego vocabular é, na realidade, uma utilização tradicional, e não um uso criativo e impróprio<sup>44</sup>.

Acredita-se que o termo dá conta propriamente de diversas classes gramaticais, ao contrário do que se assume a partir de consulta a dicionários ou do que se ensina comumente em escolas – que *super* é apenas prefixo. Além disso, acredita-se que a pesquisa diacrônica possa prover respostas acerca da complexidade da palavra, realizando recortes de duas fases: o comportamento na fase clássica do latim e o comportamento no português contemporâneo.

As hipóteses levantadas – a inovação ou a conservação do comportamento como advérbio – são ambas possíveis e prováveis a partir de uma análise atenta de seus registros. Sendo assim, a princípio, há o propósito de realizar um panorama histórico do termo para categorizá-lo de acordo com sua origem no latim; em seguida, esse panorama terá o objetivo de categorizá-lo de acordo com a prática dos falantes do século XXI.

Para atender ao primeiro objetivo, será traçada uma breve trajetória do desenvolvimento do termo, compreendendo-o morfológica e historicamente; investigando o comportamento da palavra do latim ao português brasileiro em uso no século XXI, com análise classificatória contida nos compêndios de normas. Para tanto, fez-se uma pesquisa bibliográfica, reunindo dicionários e gramáticas de língua latina e portuguesa para averiguar como ele foi e é registrado de acordo com a norma-padrão.

---

<sup>43</sup> Classificações reconhecidas primariamente pelos compêndios de norma: gramáticas e dicionários.

<sup>44</sup> Usos impróprios de um vocábulo são considerados ocorrências originadas de derivação imprópria.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Para atender ao segundo objetivo, procedeu-se a uma pesquisa documental de caráter qualitativo com o fito de analisar manchetes, identificando como o *super* se realiza na escrita diversa da imprensa brasileira do séc. XXI. Por isso, foram selecionadas frases retiradas de veículos de informação com públicos-alvo distintos, como forma de mostrar que o emprego “variado” de *super* está presente independentemente de contexto ou público-alvo. Em fase de análise, observou-se com que outros termos o *super* é capaz de se relacionar dentro de um texto, que palavra modifica ou acompanha, como se comporta e que sentido imprime à sentença escrita.

Espera-se que, com as reflexões aqui desenvolvidas, seja possível compreender o termo e esclarecer quaisquer confusões quanto à relação norma-uso. Além disso, o entendimento mais aprofundado pode contribuir para possibilitar a consideração tanto de suas aplicações na origem da palavra quanto de suas aplicações no presente para a atualização dos compêndios classificatórios.

### **2. Breves considerações sobre *super* no âmbito do léxico originário**

Palavras provenientes do latim componentes do léxico da língua portuguesa chegaram até suas formas atuais por diversos processos. Bechara (2009, p. 351) aponta como exemplos os empréstimos<sup>45</sup>. Já as palavras consideradas hereditárias sobreviveram no decorrer do processo de formação da língua, sendo fruto de relações de substrato, adstrato e superstrato, diferentemente dos vocábulos de formação interna, formados dentro do idioma, a exemplo dos termos primitivos, que não dependeram de influências externas ou de outras palavras para surgirem. Por fim, as palavras podem ser de formação vernácula, tendo sofrido metaplasmos<sup>46</sup> ou não.

Segundo Silva (2010), o léxico ainda pode ser composto por vocábulos populares, eruditos ou semieruditos. O primeiro grupo é formado por palavras que, chegando à península Ibérica, foram alteradas, sendo resultado de mudanças ocorridas durante o manejo da língua pelo povo

---

<sup>45</sup> Palavras originadas em outros idiomas que são absorvidas (tomadas ou traduzidas) de outra comunidade linguística, seja ela da mesma língua histórica, seja de línguas estrangeiras, pelos falantes de uma língua já formada e reconhecida posteriormente.

<sup>46</sup> Alterações fonéticas ocorridas ao longo do tempo evolutivos por conta do manejo pelos falantes.

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

romano; o segundo é formado justamente aqueles vocábulos que chegaram intactos do latim clássico e resistiram ao falar do povo, sendo imortalizados em obras literárias por poetas, juristas e sacerdotes, os quais tentavam se aproximar do estilo clássico-literário latino, e chamados, por isso, de vocábulos literários; o último grupo é composto por vocábulos inseridos na língua após a grande transformação do latim vulgar, sofrendo menos alterações que os vocábulos populares.

A despeito das distinções apresentadas por Bechara (2009) e Silva (2010) em relação à formação lexical de língua portuguesa, ocorre que algumas palavras figuraram, durante o processo evolutivo do latim vulgar, em mais de um grupo de vocábulos, sendo chamadas alotrópicas. O alotropismo diz respeito a termos com origem idêntica no latim, mas grafados de formas diferentes porque se bifurcaram ao longo da evolução apesar do étimo em comum (CARDOSO; CUNHA, 1978; FERNANDES, 1947 *apud* CARDOSO; CUNHA, 1978; CÂMARA JR., 1998).

Fernandes (1947, p. 50 *apud* CARDOSO; CUNHA, 1978, p. 168) explica esse processo como se “fôrças [*sic*] diferentes atuassem numa palavra, obrigando-a a seguir rumos diversos, cada um dos quais operando nela a sua evolução e produzindo-se outras tantas novas formas”. Para Câmara Jr. (1998), há três possibilidades que justificam a variedade de correntes evolutivas para um mesmo vocábulo: a) é possível que um tenha origem popular enquanto o outro, erudita ou semierudita; b) ambos têm origem popular, diferindo quanto às zonas dialetais – o local onde ocorreu a mudança; c) pode ser que um seja uma forma própria do português, e o outro, fruto de empréstimo de outra língua.

Fernandes considera que

A origem do alotropismo encontra-se nas duas correntes, a popular e a erudita, isto é, no falar comum do povo e na linguagem culta dos literatos, sendo de notar que qualquer delas pode produzir, e produz, não poucas vêzes [*sic*] a evolução fonética, morfológica e semântica dos vocábulos. (FERNANDES, 1947, p. 50 *apud* CARDOSO CUNHA, 1978, p. 168)

Nesse ponto, percebe-se uma parcial discordância entre Câmara Jr. e Fernandes. Com isso, a hipótese de que *super* se configura como um vocábulo alotrópico merece ser investigada, porque, mesmo o item existindo grafado exatamente desse modo em latim e manejado igualmente ainda hoje no português, há outra forma que coexiste com o *super* erudito: a preposição *sobre*, que compartilha a origem latina no advérbio *super*; porém, considerando o processo de formação dessa palavra como na fase dos romances (ILARI, 1999), esse outro vocábulo oriundo do *super*

vem a ser semierudito. Essa é a hipótese levantada na pesquisa e que encontra plausibilidade na teoria consultada. Com isso dito, parte-se à análise das classificações próprias do *super*.

### **2.1. Prefixo**

Prefixação é “o processo de composição de vocábulos mediante anteposição, a uma palavra, de afixos, isto é, de partícula ou sílaba que modifique o sentido da palavra” (ALMEIDA, 1967, p. 353). Como *super* se une à palavra base no início, ele configura um prefixo. Prefixos são originalmente advérbios ou preposições cuja utilização se dá ao antepor um afixo ao radical de uma palavra que não seja um verbo (COUTINHO, 1974) ou também a uma base verbal (BECHARA, 2009). Dentro do português, os prefixos podem ser vernáculos, latinos ou gregos.

Hipoteticamente alotrópico, o *super* é um termo que compõe a lista de prefixos portugueses, ocorrendo como formas vernácula e latina: vernácula porque sofreu metaplasmos ao longo da evolução, o que resultou na forma *sobre*; latina porque manteve a forma original. Quanto à classificação, os prefixos podem ser populares ou eruditos, inxpletivos ou expletivos, separáveis ou inseparáveis (COUTINHO, 1974). O *super*, enquanto prefixo da língua portuguesa, é erudito, pois provém da lista de prefixos latinos; inxpletivo, porque acrescenta uma ideia de intensidade ou superioridade à palavra à qual se une; inseparável, pois é dependente e não se separa da palavra a que se acopla, exceto nos casos de uso do hífen. Pode designar “posição superior, excesso, intensidade” e estar unido a verbo e substantivo.

Pelo viés da origem latina, os prefixos advinham tanto de advérbios quanto de preposições. No entanto, pouco se fala sobre esse processo (FARIA, 1958; COUTINHO, 1974; CARVALHO; NASCIMENTO, 1981). Paira, então, a questão: encontrando a forma *sūper* entre os advérbios e as preposições, de que classe o prefixo é oriundo?

### **2.2. Preposição**

Em latim, *sūper* era também utilizado como preposição, classe que pode ligar um verbo a um substantivo ou um substantivo a outro, promovendo a explicação do primeiro termo relacionado a partir do segundo, completando seu sentido e fazendo especificações quanto a ele

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

(CUNHA; CINTRA, 2008). São elementos que não podem ser empregados isoladamente, já que têm o caráter relacionante, assim como as conjunções. Bassetto (2010, p. 325) assevera que, por isso, “é mais exato dizer que as preposições relacionam duas ideias e não duas palavras”, o que, é claro, não exclui o fato de ligar palavras. Essas palavras invariáveis acrescentam aos nomes aos quais se antepõem noções diversas, representando “o elo de uma relação de dependência entre dois termos” (HAUY, 2014, p. 763).

As preposições são termos invariáveis quanto à forma, porém, quanto ao sentido, podem variar de acordo com a intenção pretendida. No caso de *sobre*, há a noção de assunto, de direção, de excesso e até de tempo. Na língua portuguesa, *sobre* desempenha principalmente o papel de preposição, podendo também estar entre os prefixos, como visto anteriormente. Haury (2014, p. 765) coloca-o entre as preposições essenciais da língua portuguesa, ou seja, aquelas que sempre foram preposições, diferentemente das acidentais, que só ganharam esse uso em certo estágio da língua; entretanto, observando-a como um todo desde o latim, vê-se que possui origem e classificações diferentes.

As preposições latinas são majoritariamente antigos advérbios indeclináveis ou partículas independentes (FARIA, 1958; BASSETTO, 2010; SAID ALI, 1971). Ernesto Faria (1958) explica que assumiam a função de enfatizar as expressões ou conferir mais clareza à sentença, já que, inicialmente, os casos exprimiam ideias sozinhos, suprimindo a necessidade de preposicionar um termo.

Com o tempo, os casos deixaram de ser “autossuficientes” devido ao enfraquecimento de seus valores significativos; assim, os falantes passaram a fazer uso de advérbios para especificar aquilo que desejavam enfatizar. Isso porque

[...] a necessidade de clareza e a expressividade enfática da língua falada é que teriam generalizado o emprego desses advérbios e partículas antes de determinados casos, uma vez que primitivamente esses mesmos casos eram bastantes para indicar as relações que depois elas passaram a exprimir. (FARIA, 1958, p. 263)

O emprego desses advérbios e dessas partículas tornou-se tão frequente e importante para a clareza das sentenças que se criou uma classe gramatical abarcando esses termos: a preposição, que destarte foi utilizada para garantir a clareza dos casos e para precisar a significação de um verbo.

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

De *sūper* para *sobre*, a palavra sofreu alguns metaplasmos. Observam-se, de acordo com os conceitos de Carvalho e Nascimento (1981): a) a metátese (transposição de um fonema na mesma sílaba): *sūper* > *sobre* (o fonema vibrante /r/ se deslocou para antes do /e/); b) a sonorização (permuta de uma consoante surda na sua homorgânica<sup>47</sup> sonora em posição intervocálica): *sūper* > *sobre* (passagem do /p/ para o /b/, ambas consoantes bilabiais); e c) a metafoia (tendência natural quando se trata da passagem de “u” para “o” (ex.: *ūnde* > *onde*): *sūper* > *sobre* (alteração do /u/ para /o/).

Partindo do princípio de que se tenha considerado mais fácil proferir uma consoante sonora como o /b/ em vez de uma surda como o /p/ entre duas vogais, aconteceu em *sūper* que as cordas vocais, as quais vibram para produzir as vogais, precisaram parar de vibrar para pronunciar o /p/. Em *sobre*, isso não acontece, já que o /b/ é igualmente sonoro, havendo vibração. É importante ressaltar que alterações como essa não são uma decisão tomada por um grupo, mas um fenômeno que ocorre naturalmente: é o processo lento e gradual da mudança linguística. Portanto, o motivo de ter havido mudanças que resultaram no termo *sobre* e ainda coexistir o *super* provavelmente se dá devido ao fato de um ser vocábulo erudito e outro, não. Não se trata aqui de interesse dos falantes em modificar o vocábulo erudito; houve, na verdade, uma preservação lexical mostrando que os episódios que envolvem a evolução da língua são incontroláveis por si sós.

Como bem afirma Said Ali (1971) em consonância com Bassetto (2010), os pontos de concordância entre preposições e advérbios se dão devido a estes serem a forma primitiva daqueles. As preposições são usadas antes de substantivos e pronomes, enquanto os advérbios acompanham verbos, adjetivos e advérbios. Sendo que preposições encontram origem nos advérbios, vale a pena aprofundar o conhecimento acerca dessa classe.

### **2.3. Advérbio**

Em relação aos advérbios, o *super* possui uma trajetória mais complexa. O termo já esteve inserido nessa classe no momento de sua origem, mas foi retirado em algum ponto histórico não especificado. O

---

<sup>47</sup> Um fonema homorgânico é aquele que tem o mesmo ponto de articulação em relação a outro fonema.

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

advérbio é uma categoria de palavras que historicamente colaborou muito com a língua, sendo fonte donde nasceram outras classes e expressões, como preposições e prefixos. Bassetto (2010) já diz que certos adjetivos no nominativo, no ablativo e no acusativo ganharam valor adverbial no latim.

O advérbio se justapõe principalmente aos verbos, denotando circunstâncias as quais podem variar bastante de acordo com o sentido da frase. Almeida (1967, p. 80) aponta o advérbio como sendo “toda palavra que pode modificar o verbo, o adjetivo e, até, o próprio advérbio”. Autores como Bechara (2009) e Cardoso (2003) consideram que o advérbio pode, também, modificar o substantivo em construções como “Soube que ele é verdadeiramente poeta”, quando o substantivo aparece denotando a qualidade da substância, e não a própria substância. Isso acontece porque essa classe é mais heterogênea entre as demais, sendo esse o motivo que torna difícil a atribuição de uma classificação uniforme e coerente, segundo Bechara.

A invariabilidade do advérbio vem de sua origem. Não se flexionam em número, gênero ou pessoa – admitem a noção de grau em alguns casos (muitíssimo) –, e isso é uma herança de comportamento, pois eles “são simples formas casuais, fixadas em determinados casos, como que assim fossilizadas, e que passaram a ser usadas adverbialmente, destacando-se desta forma, do sistema da declinação” (FARIA, 1958, p. 251).

Bassetto (2010) introduz a ideia de que grande parte dos advérbios foi formada pelo próprio latim quando se conferiu a alguns adjetivos o valor adverbial – a característica de ser um elemento modificador e denotador de circunstâncias –; também assevera que alguns são fruto da justaposição ou contração de preposições com nomes; outros são simplesmente advérbios próprios que as línguas românicas formaram. Cardoso (2003, p. 97), em consonância com Bassetto (2010), escreve que “alguns advérbios latinos podem ser considerados como palavras primitivas, independentes”.

Para autores como Souza (1922), Saraiva e Quicherat (2000), essa palavra também era um adjetivo<sup>48</sup>, isso abre possibilidade para entender a trajetória da palavra como: a) um adjetivo a que foi conferido valor adverbial ou b) uma palavra primitiva e independente que surgiu na língua

---

48 O adjetivo *super*, *-era*, *-erum*, assim destacado por Saraiva e Quicherat (2000), é uma variação do adjetivo *superus*, *-a*, *-um*, reconhecido também por Ernesto Faria (1967). Trata-se da mesma significação em formas alternativas.

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

como advérbio. Pressupõe-se que, no latim, o uso principal ou inicial do *super* fosse o adverbial por causa da ordem com a qual suas definições aparecem no dicionário.

No Dicionário Escolar Latino-Português, de Ernesto Faria (1967, p. 966), encontra-se o termo primeiramente como advérbio no sentido próprio, como “em cima”, e no sentido figurado, como “a mais”, “além de”, “demais”, “lá em cima” e “de resto”; em seguida, como preposição regente tanto de acusativo quanto ablativo, com os sentidos de “acima de”, “além de”, “durante”, “mais do que”, “a respeito de”, “por meio de”. Outros autores concordam com a posição do *super* entre os advérbios, vide o já citado dicionário de Saraiva e Quicherat.

A utilização do *super* como advérbio é uma prova de que o uso adverbial do *super* não é um fenômeno moderno da língua oral, típico de estrangeirismos, dos jovens ou do falar feminino (BERTAGNOLI, 2014), mas herança de uma estrutura clássica da língua escrita. Esse uso é ratificado pela utilização em obras como Eneida, de Vergílio (século I a. C.), em trechos como o do quinto livro *ille sūper talis effundit pectore vocês* (verso 482), em que funciona como um advérbio de lugar com o sentido de “lançar em cima do peito”, conforme a definição do dicionário de Ernesto Faria. Além desse, há outros versos que mostram o *super* expressando intensidade.

Dois exemplos são o verso 462 de Eneida VII e o verso 330 de Eneida V. O primeiro, *saevit amor ferri et scelerata insania belli, ira sūper*, tem no trecho “ira super” a presença de um advérbio de intensidade, modificando um substantivo; uma tradução possível, baseada em Faria, é “muita ira” ou “super ira”, defendendo o emprego do *super* na mesma classe e com idêntica função. Assim como o trecho anterior, o segundo, *sūper madefecerat herbas*, do verso 330 de Eneida V, emprega o item também com ideia de intensidade, dessa vez modificando o verbo “umedecer”, sendo traduzido como “umedecera muito (demais) as ervas” ou até mesmo “super umedecera as ervas”.

Dessa maneira, comprova-se que o *super* é um advérbio, seja essa sua utilização primeira ou não, registrando-se que, até mesmo antes do início do primeiro século, já era empregado assim. Embora, conforme indica Ernesto Faria, seu sentido próprio seja de lugar e o figurado de intensidade, uso mais recorrente na atualidade. A afirmação de Bassetto (2010, p. 231) de que “não raro palavras com outros significados passam a advérbios de intensidade” fortalece e legitima o emprego dessa palavra

no sentido de “muito”, “demais” no século XXI, que vem resistindo aos compêndios de normas, atestando o poder dos falantes e elencando a influência da história da palavra.

#### **2.4. Adjetivo e interjeição**

Após pesquisa em dicionários, chegou-se a encontrar interjeição e adjetivo como sendo duas outras classificações para o item lexical, as quais merecem, por isso, igual atenção. Tanto no dicionário Aurélio (1986; 1999) quanto no Michaelis (1998), não há registros do *super* como outra classe senão prefixo. Há ainda compêndios lexicais, como o Dicionário de português da Academia Brasileira de Letras, que sequer fazem menção ao *super* como pertencente ao grupo de prefixos, não havendo seu destaque como morfema – aparece apenas acompanhando os substantivos com quem forma palavras.

Sobre o *super* como adjetivo, Souza (1922) e Saraiva e Quicherat (2000) fazem essa consideração acerca da língua latina. O item era empregado como adjetivo. Isso apresenta uma possibilidade de classificação válida e antiga, reforçando o *super* como uma palavra, e não um afixo desde sua origem – ainda que a maioria dos dicionários de português examinados não o apresente assim, à exceção do dicionário UNESP do português contemporâneo, onde há menção de *super* como equivalente a “excelente”. Esse registro é um indício da legitimidade desse uso, recuperando o emprego latino, inclusive, de maneira erudita, sem provocar alterações na grafia da palavra, se for considerado o adjetivo masculino *super*, de *super*, *supera*, *superum*.

Analisando o termo na utilização como interjeição, conclui-se que este seja um uso recente, uma vez que não foram encontrados registros do *super* como tal no latim. No que concerne ao grupo de interjeição, Bechara (2009) lista quatro tipos e, dentre esses, há um que diz respeito a palavras já existentes na língua que são utilizadas para expressar um estado emotivo. Isso sugere que estas sejam derivações impróprias. Contudo, nos dicionários mencionados, não houve registro em geral do item como uma interjeição, e, embora na versão de 2001 do dicionário de Houaiss e Villar *super* não seja considerado nada além de prefixo, na impressão de 2009 e em sua versão eletrônica, esse registro ocorre, considerando-o uma unidade linguística independente, o que demonstra uma evolução das considerações do *super*.

### 3. Seleção e análise do *super* em títulos de notícias

Em construções frasais, é muito difícil concluir o que o autor realmente quis dizer, não sendo possível determinar com qual sentido um falante emprega uma palavra. O que se pode fazer, entretanto, é elencar e discutir as interpretações admissíveis e as possibilidades da língua. A base utilizada para análise foram as classificações encontradas durante a pesquisa a respeito da palavra *super*, tomando as informações obtidas em gramáticas e dicionários latinos e do português brasileiro para entender como esse termo pode se comportar na prática. Os resultados alcançados na pesquisa bibliográfica apontam que, muito além de prefixo, o *super* foi utilizado historicamente como preposição, adjetivo e advérbio, muito provavelmente tendo origem na forma adverbial.

Foram selecionadas manchetes em cujos títulos há ocorrência do *super* para realizar a análise de seu comportamento. O critério utilizado para a seleção de jornais ou revistas não foi controlado, a fim de diversificar os veículos de comunicação onde o uso de *super* pode ser constatado, de modo que também ficassem variados o alcance dos periódicos e os públicos-alvo. Dá-se valor às palavras com que o termo se relaciona, analisando suas classes e, conseqüentemente, o comportamento do item lexical.

#### 3.1. *Super* acompanhando adjetivos

O *super* frequentemente acompanha adjetivos, como em *super legal*. Sobre os adjetivos, sabe-se que são suscetíveis à intensificação por meio de advérbios (HAUY, 2014). O *super*, do ponto de vista das gramáticas e dicionários latinos, funcionava como um advérbio, podendo suprir a necessidade de intensificação quando houvesse, mas, na língua portuguesa, esse uso foi desconsiderado, e o *super* passou a funcionar apenas como um prefixo. Assim, o uso adverbial permaneceu presente. Veja as manchetes a seguir:

(a) “Como ser *super* produtivo com uma equipe enxuta?”

Fonte: <http://exame.abril.com.br/pme/como-ser-super-produtivo-com-uma-equipe-enxuta/>. Acesso em: 14 jan. 2017.

(b) “Raica posa com peças *super*-recortadas para revista indiana”

Fonte: <http://oglobo.globo.com/ela/moda/raica-posa-com-pecas-super-recortadas-para-revista-indiana-18829689>. Acesso em: 28 nov. 2017.

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

(c) “Governo diz que plano para evitar fuga de presos foi ‘super bem-sucedido’”

Fonte: <http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2017/01/sobe-para-63-numero-de-presos-recapturados-em-manaus->. Acesso em: 15 jan. 2017.

(d) “Séries de TV super esperadas e baseadas em filmes que foram abandonadas”

Fonte: <https://cinpop.com.br/series-de-tv-super-esperadas-e-baseadas-em-filmes-que-foram-abandonadas-286395/>. Acesso em: 7 mar. 2021.

Do ponto de vista gramatical, tendo como ponto de partida o latim, o *super* tem, em (a), o comportamento de um advérbio, acompanhando e intensificando o adjetivo “produtivo”, significando “produtivo demais” ou “muito produtivo”. Tendo como ponto de partida gramáticas da língua portuguesa como a de Bechara (2009), Almeida (1967), Azere-do (2011) e Haug (2014), a única forma de empregar o *super*, pelo menos a que aparece nesses textos, seria como um afixo, posicionado antes da palavra a ser modificada, ou seja, caso houvesse a intenção de concordar com essa utilização, o emprego “super produtivo” seria incomum, pois o *super* é considerado um morfema dependente, estando sempre junto ao termo que acompanha ou separado por hífen, caso a palavra a seguir seja iniciada com *r* ou *h*.

No sintagma “super-recortadas” de (b), o *super* foi tratado como prefixo porque atendeu à regra da Reforma Ortográfica, hifenizando o item por estar ele seguido de palavra iniciada com *h* ou *r*. A análise como prefixo consiste em dizer que as peças foram recortadas em excesso, recortadas além do que deveriam ter sido, além do normal, cabendo também a substituição pelo prefixo “supra”, com o mesmo sentido. Entretanto, isso não exclui outra possibilidade muito fiel a outra interpretação: a intenção pode ter sido adverbial, visto que, em outras palavras, o sintagma significa que a peça foi muito recortada, inclusive, o próprio sentido que o prefixo acrescenta é de intensificação, de excesso, o que também pode ser desempenhado por um advérbio. Da mesma forma que *muito* é um advérbio modificador do adjetivo “recortadas”, o *super* é capaz de aderir ao mesmo comportamento, modificando um adjetivo e funcionando livremente como advérbio, cabendo perfeitamente “muito recortadas”.

De acordo com a definição de advérbio de Said Ali (1966, p. 97), ele “denota uma circunstância de lugar, tempo, modo, grau ou intensidade, negação, dúvida, etc., e serve de determinante ao verbo, ao adjetivo ou a outro advérbio”. Vendo que (c) é composto pela palavra *super* atuando sobre o termo “bem-sucedido”, um adjetivo composto, a ação como

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

advérbio é aceitável e previsível. O *super* denota intensidade e atua sobre o adjetivo com o sentido de que o plano foi muito bem-sucedido, intensificando essa característica do plano.

Em (d) *super* aparece acompanhando o adjetivo “esperadas”. Por isso ocorre a utilização de uma palavra que possa elevar a força do adjetivo, tornando-o mais intenso: o advérbio *super*. Assim, não se trata de séries esperadas de forma comum, mas de séries que são muito esperadas, mais que outras.

Em todas as notícias, o *super* desempenha o papel de fortalecer o significado de um adjetivo. Realmente, a funcionalidade dos prefixos permite que o item lexical acompanhe essa classe; entretanto os prefixos são morfemas que participam da formação de palavras (HAUY, 2014; ALMEIDA, 1967; ROCHA LIMA, 2011), e a combinação do *super* com os adjetivos acima não cria palavras novas nem atribui sentidos outros a elas, apenas as intensifica. Ainda que caiba a substituição por outro prefixo, deve-se observar principalmente se o termo está exercendo a finalidade a que se propõe. Os afixos formam palavras, e em nenhum dos casos acima houve a criação de um novo vocábulo. Fazendo jus à capacidade de assumir a posição adverbial que o termo possui historicamente, prevalece a interpretação do *super* como uma palavra intensificadora, um advérbio, em todas as frases analisadas nessa seção.

### **3.2. *Super* acompanhando advérbios**

Outra estrutura analisada é o *super* com advérbios. A classe gramatical que exerce influência sobre esses é o próprio advérbio. Vide as manchetes abaixo:

(e) “Mãe de Medina sobre filho: ‘Super mal interpretado’”

Fonte: [http://espn.uol.com.br/noticia/491381\\_mae-de-medina-sobre-filho-super-mal-interpretado](http://espn.uol.com.br/noticia/491381_mae-de-medina-sobre-filho-super-mal-interpretado). Acesso em: 4 fev. 2017.

(f) “Alan Ruschel ainda não fala, mas está ‘super bem’, diz noiva de jogador”

Fonte: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/12/alan-ruschel-esta-super-bem-diz-noiva-de-jogador-em-hospital.html>. Acesso em: 27 jan. 2017.

Em (e), o *super* está modificando a palavra “mal”, que por sua vez modifica a palavra “interpretado”. Nota-se que *super* não está ligado a “interpretado” – nem a “mal interpretado”, como se fosse um adjetivo

composto –, pois, ao retirar o termo “mal” da frase, há uma alteração em todo o sentido do sintagma. Não se quer dizer que alguém foi muito interpretado, mas que a interpretação ocorreu muito mal. Sendo “mal” um advérbio, tem-se na frase analisada, um caso de um advérbio modificando outro: *super* serve para intensificar o modo com que o atleta fora interpretado. Como pontua Bechara (2009), os advérbios se referem a uma declaração inteira, a verbos, adjetivos ou advérbios, com estes últimos, comportam-se como intensificadores, da mesma maneira que *super* se comportou ao intensificar o advérbio “mal”.

Já (f) contém a transcrição do que a noiva de um jogador disse, tanto que o termo “super bem” se encontra entre aspas simples, indicando serem as palavras dela, demonstrando que esse uso do *super* é comum entre os falantes. A palavra “bem” é um advérbio que acompanha o verbo “estar”, e o *super* intensifica a circunstância expressa pelo advérbio.

Como diz Haury (2014),

[...] advérbio é a palavra invariável que, em geral, modifica o verbo ou o adjetivo, expressando as várias circunstâncias ou matizes que envolvem sua significação, ou intensifica a noção expressa pelo verbo, adjetivo, pronome, advérbio, locução adverbial ou expressão adverbial. (HAURY, 2014, p. 973)

Nos casos analisados, tem-se o *super* atuando como um advérbio, pois acompanha dois advérbios – uma função da classe –, intensifica a noção expressa por eles – outra função da classe – e é invariável – uma característica da classe. Há, inclusive, pesquisadores que já compreendem o *super* como advérbio, como é o caso de Gonçalves (2016).

### **3.3. *Super* acompanhando substantivos**

O *super* também se relaciona a substantivos. Muitas são as classes que os acompanham, e, como o *super* pode se encaixar em várias classificações, é um pouco mais difícil chegar a uma conclusão nesse caso. Como diz Oliveira (2004) sobre os apontamentos de Faraco (2000), quando o *super* (prefixo) é combinado com substantivos, indica o sentido de “grande”. Não coincidentemente, uma das classificações do *super* encontradas em dicionários latinos é a de adjetivo. O adjetivo latino *super*, *-era*, *-erum*, embora fosse uma forma alternativa para *superus*, *-a*, *-um*, existia com o significado de superior, alto, do céu, relacionado a divindades e coisas grandiosas. Essa classificação assemelha-se bastante com o que Faraco aponta em sentido e em comportamento também, já que

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

ambos podem associar-se a substantivos. Por isso, para analisar as frases a seguir, o critério primordial será a criação ou não de uma nova palavra.

(g) “Super safra de grãos é a primeira boa notícia de 2017”

Fonte: <http://revistagloborural.globo.com/Colunas/bruno-blecher/noticia/2016/12/super-safra-de-graos-e->. Acesso em: 2 fev. 2017.

(h) “Mourinho exalta o ‘super fim de semana’ do Campeonato Português”

Fonte: <http://extra.globo.com/esporte/mourinho-exalta-super-fim-de-semana-do-campeonato-portugues-18808950.html>. Acesso em: 14 jan. 2017.

(i) “Protótipo de superfoguete da Space X voa, pousa suavemente... e explode”

Fon-  
te: <https://mensageirosideral.blogfolha.uol.com.br/2021/03/03/prototipo-de-superfoguete-da-spacex-voa-pousa-suavemente-e-explode/>. Acesso em: 7 mar. 2021.

Em (g), percebe-se que o esperado é uma grande colheita. O *super* acompanhando substantivos apresenta também o valor adjetivo, significando “grande”, pois, caso fosse feita a substituição do termo por esse adjetivo, o sentido seria preservado. “Super safra de grãos” equivale a “grande safra de grãos”, atestando esse funcionando. Caso não fosse aceita essa análise, a outra utilização do *super* que acompanha substantivos é a de prefixo, mas, para isso, o *super* deveria formar uma nova palavra, além de estar junto da palavra “safra”. Nesse caso, nenhum sentido além do que se entende por “safra” é incluído na frase a partir da inserção de *super*, tudo o que acontece é uma caracterização da palavra, indicando seu tamanho.

Em (h), o *super* acompanhando o substantivo composto “fim de semana” supostamente deveria atuar como um prefixo, porém está grafado de acordo com um adjetivo, separado da palavra “fim”. De acordo com Nunes (2011), a prefixação é considerada um processo de formação de palavras, oscilando entre linguistas entre derivação e composição. Entendendo o processo de prefixação como de formação de palavras, o primeiro questionamento acerca do *super* como um prefixo formador de uma palavra é: que novo sentido para o termo “fim de semana” o *super* atribui? Estaria sendo realmente formada uma nova palavra ou apenas estaria sendo atribuído a ela um adjetivo? Sendo prefixo ou adjetivo, é fato que o *super* passa o sentido de grandeza para “fim de semana”, mas, como não altera o sentido do sintagma, não cumpre a função do afixo, soando para o *super* a função adjetiva.

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Do jeito que estão grafados, o comportamento do *super* assemelha-se com o comportamento descrito nos dicionários latinos de Saraiva e Quicherat (2000) e Souza (1922), apontando a classificação de adjetivo como terceira definição para a palavra. Sabendo que historicamente o *super* podia ser empregado como adjetivo e entendendo que não pode ser um advérbio – já que desempenha sua influência sobre um substantivo, não está junto da palavra nem cria uma nova para ser prefixo –, naturalmente é possível considerá-lo um adjetivo nos exemplos acima.

Em (i), tem-se o caso do *super* afixado ao substantivo “foguetes”, comportando-se de acordo com a norma prevista para o prefixo – sem hífen. A ideia passada por essa construção é de um foguete diferenciado, por não se tratar de um modelo comum. O autor faz a utilização do prefixo não somente para demonstrar a superioridade do protótipo em questão, mas porque os “foguetes” e os “superfoguetes” devem possuir diferenças que justificam a criação de uma nova palavra. Não é o tamanho do foguete que é comunicado pela partícula, o “superfoguetes” não é maior em dimensão que outros foguetes, fator que justificaria a compreensão do termo como “grande”, e sim sua capacidade. “Superfoguetes” surge como um substantivo para nomear um transporte espacial com capacidade, recursos e finalidades diferentes.

Assim, acentua-se a versatilidade do termo, o qual, ao acompanhar um substantivo, pode gerar uma nova palavra com novo conceito ou classificar um termo já existente sem alterá-lo, apenas atribuindo características, como é o caso de “super safra de grãos”, que não chega a gerar um conceito diferente para “safra de grãos”, apenas a caracteriza como grande.

#### **3.4. Casos ambíguos envolvendo o *super***

Há, ainda, contextos em que a classificação do *super* não é tão clara, apontando uma fluidez semântica de um *super* ambíguo. Isso acontece provavelmente por causa da forma como é empregado, mas também em razão da palavra que acompanha o termo.

(j) “Gisele Bündchen revela detalhes da sua alimentação (super!) saudável”

Fonte: <http://vogue.globo.com/beleza/fitness-e-dieta/noticia/2016/11/gisele-bundchen-revela-detalhes-de-sua-alimentacao-super-saudavel.html>. Acesso em: 8 fev. 2017.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

(k) “40 ambientes que somente os super ricos têm em suas casas”

Fonte: <http://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/40-ambientes-absurdos-que-os-super-ricos-tem-em-suas-casas/>. Acesso em: 8 fev. 2017.

(l) “Aumentar os impostos dos super-ricos é uma proposta liberal”

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/joel-pinheiro-da-fonseca/2021/02/aumentar-os-impostos-dos-super-ricos-e-uma-proposta-liberal.shtml>. Acesso em: 7 mar. 2021.

Em (j), o termo apresenta interpretações diferentes. Da maneira como está grafado, o *super* seguido do ponto de exclamação apresenta-se como interjeição, no entanto admite também a leitura como se fosse um intensificador da palavra que vem a seguir (saudável). Por intensificador, entende-se que modificaria um adjetivo, função exercida por advérbios, exprimindo ao termo a ideia superlativa da palavra, potencializando o sentido de “saudável”. Inclusive a exclamação pode ter função primordial nesse auxílio de intensificação.

As duas formas de ler são possíveis e não prejudicam em nada a interpretação do texto. Como interjeição, estaria com um contorno melódico exclamativo, traduzindo o estado de admiração em relação à alimentação da modelo; como advérbio, estaria na função de dizer que a alimentação é muito saudável. Dessa vez, sua influência recairia sobre o adjetivo “saudável”, ao contrário do *super* como interjeição, que estabelece uma relação mais forte com a palavra “alimentação”, pois é esta o foco da admiração expressa pela interjeição.

Já (k) e (l) apresentam similaridades: “ricos” é naturalmente um adjetivo, mas possui o artigo “os” substantivando-o. Em ambas as notícias o termo é acompanhado por *super*. Sendo “ricos” um substantivo, o “*super*” possui duas possibilidades: a) separado da palavra modificada, funcionando com um adjetivo para ela (grandes ricos); b) funcionando como um prefixo a fim de formar uma nova palavra e indicando um excesso anormal da característica “riqueza”. Para atender a esta funcionalidade, deveria estar junto do termo como em (l), em que o sintagma ocorre com hífen, de modo a marcar o funcionamento como prefixo ao passo que comunica o conceito de um rico cujo patrimônio extrapola o tido como comum; porém, como utilizado em (k), não chega a criar uma nova palavra, pois “rico” continua significando o mesmo, com ou sem o prefixo, que apenas eleva a qualidade a outro grau. Portanto, entendendo “ricos” como um substantivo, a melhor opção talvez seja considerar o *super*, neste caso, como um adjetivo, qualificando a riqueza como grande.

Pode-se ainda ver o sintagma isoladamente, e a ideia que se tem é outra. Em “super ricos”, o esperado é pensar que “ricos” esteja funcionando como adjetivo, como é sua classificação principal. A possibilidade de interpretar dessa maneira não é completamente descartada, dado que seja aceitável a leitura do título considerando a existência de um substantivo como “indivíduos” implícito entre o artigo e o “super”, de forma que esse termo seja caracterizado por “rico”. Analisando dessa forma, “ricos” deixa de ser substantivo para funcionar como adjetivo, e a classe que melhor intensifica os adjetivos é a dos advérbios, ou seja, lançando esse outro olhar, *super* aparece na função de advérbio intensificando o adjetivo.

#### 4. Considerações finais

Além de entender o caminho de um termo até ser utilizado do jeito que é hoje, a pesquisa com auxílio na história da palavra é capaz de sanar dúvidas e perceber as possíveis razões pelas quais os falantes aplicam diferentemente um termo. Nem sempre é um erro impensado ou subversão, como o *super*, que é um vocábulo alotrópico.

Verificou-se que não é desarrazoado que os falantes do português moderno façam uso dessa palavra como advérbio ou adjetivo. O *super* adverbial não é uma atualização do século XXI: a pesquisa evidenciou que ele existe no vocabulário como forma independente. Talvez, sim, *super* como interjeição e substantivo possa ser considerado uma evolução, pois acrescentam à palavra empregos, em tese, impróprios. Ao contrário, empregos como adjetivo e advérbio não configuram uma evolução, pois não demonstram novas possibilidades: é a palavra que retoma seus sentidos mais primitivos, fazendo não um trajeto adiante, mas voltando alguns passos no que se trata de regra. As normas envolvendo o *super* que foram desconsideradas em algum ponto da evolução do português agora, no século XXI, são reavaliadas, pois se percebeu que os falantes não deixaram de utilizar o item em todas essas faces e, se é dito, se faz parte da história da palavra e se não é uma subversão, nada mais justo que se consolidar em regra.

A indagação inicial sobre o emprego do *super* como advérbio ser algo inovador ou uma herança de comportamento aponta para a herança. O *super* sempre existiu no léxico como palavra, mesmo que a norma insistisse em considerá-lo um afixo, e o fato de se apresentar hoje em dia dessa maneira é um indício de que isso não mudou, na verdade foi esquecido. Então, o estudo histórico atrelado à observação do falar moder-

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

no é um dos passos necessários para o reconhecimento da palavra nessas classes esquecidas, as às quais sempre pertenceu, podendo ser de serventia para a análise de outras tantas palavras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, N. M. de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 20. ed. São Paulo: Saraiva, 1967.
- AZEREDO, J. C. de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2011.
- BASSETTO, B. F. *Elementos de Filologia Românica: história interna das línguas românicas*, v. 2. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BERTAGNOLI, D. L. *Estudo sobre o funcionamento de “super” como forma livre e sua relação com o dizer feminino*. 2014. 174 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2014.
- BORBA, F. S. *Dicionário UNESP do português contemporâneo*. Curitiba: Piá, 2011.
- CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de filologia e gramática: referente à língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Jozon, 1998.
- CARDOSO, W.; CUNHA, C. *Português através de textos: Estilística e Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.
- CARDOSO, Z. *Iniciação ao latim*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- CARVALHO, D. G.; NASCIMENTO, M. *Gramática Histórica*. 13. ed. São Paulo: Ática, 1981.
- COUTINHO, I. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1974.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- FARIA, E. *Dicionário latino-português*. 4. ed. Rio de Janeiro: Campanha nacional de material de ensino, 1967.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

\_\_\_\_\_. *Gramática Superior da Língua Latina*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

\_\_\_\_\_. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GONÇALVES, C. A. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016.

HAUY, A. B. *Gramática da Língua Portuguesa Padrão*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. *Houaiss eletrônico*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ILARI, R. *Linguística Românica*. São Paulo: Ática, 1999.

NUNES, S. *Prefixação de origem preposicional na língua portuguesa*. Tese (Doutorado em Linguística Portuguesa) – Universidade de Coimbra. Coimbra, 2010. 322p.

OLIVEIRA, S. *Derivação prefixal: um estudo sobre alguns prefixos do português brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004. 171p.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 7. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

\_\_\_\_\_. *Gramática secundária da língua portuguesa*. 7. ed. São Paulo: Indústrias de Papel, 1966.

SARAIVA, F. R.; QUICHERAT, L. M. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro: Garnieer, 2000.

SILVA, J. P. da. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ingráfica, 2010.

SOUZA, F. A. *Novo dictionario latino-portuguez*. 3. ed. Paris: Librairie Aillaud, 1922.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

VERGÍLIO. *Eneida*. Disponível em: <http://www.thelatinlibrary.com/verg.html>. Acesso em: 27 fev. 2021.

Outra fonte:

*MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia de Melhoramentos, 1998. Dicionários Michaelis, 2259 p.